

Nelo Rodolfo

# PALMEIRAS

*Minha vida é você*



ALTA BOOKS  
EDITORA  
Rio de Janeiro, 2016

**Para  
Cristina, Carol e Nelinho, que são a minha razão de viver.**

**E um agradecimento especial para Joaquim de Carvalho,  
porque, sem a colaboração dele, este livro não teria saído.**

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>1914 Palestra, Fundação e Ambição</b>
<b>23</b>	<b>“Pazza Gioia!” por Todo o País</b>
<b>33</b>	<b>Tri e Melhor em Tudo — 1930 a 1940</b>
<b>41</b>	<b>A Guerra contra o Palestra — 1940 a 1950</b>
<b>57</b>	<b>As Cinco Coroas e Campeão do Mundo — 1950 a 1960</b>
<b>69</b>	<b>Palmeiras Supercampeão, a Academia É o Brasil — 1960 a 1970</b>
<b>87</b>	<b>Dudu, Ademir e a Segunda Academia — 1971 a 1980</b>
<b>97</b>	<b>Década de Chumbo — 1981 a 1990</b>
<b>103</b>	<b>Pioneirismo e Cogestão — 1991 a 2000</b>
<b>121</b>	<b>Novo Século, Nova Arena, Novas Ambições — 2001 a 2014</b>
<b>133</b>	<b>Estatísticas</b>
<b>137</b>	<b>Palestra Italia / Palmeiras — Campeão do Século XX</b>

# PREFÁCIO

**TUDO MUNDO QUE CONHEÇO** diz que o Palmeiras nasceu de uma costela do Corinthians. Eram um só clube até 1914, quando os imigrantes italianos, passados para trás numa eleição de diretoria, teriam tomado outro rumo e fundado o próprio clube.

A história é bonita e alimenta a rivalidade entre dois dos maiores times de futebol do mundo. Os fatos, porém, são outros, como muito bem conta Nelo Rodolfo neste livro.

O Palmeiras trilhou caminho próprio e paralelo ao do Corinthians. Um nasceu na liga da elite, o outro, na várzea. No ano da estreia do Palmeiras no Campeonato Paulista, o Corinthians tinha sido admitido na elite, mas não disputou o campeonato, por um golpe baixo dos dirigentes. Alguns atletas corinthianos foram então jogar pelo Palmeiras e nasceu daí a lenda da cisão.

Nelo Rodolfo conta em detalhes esta e outras histórias da Sociedade Esportiva Palmeiras, com o rigor e a precisão de quem traz na veia o sangue de repórter.

Conheci Nelo quando ele cobria casos policiais; depois, como chefe de reportagem, repórter de política, editor, âncora e comentarista de esportes. É jornalista, mas está vereador, assim como esteve deputado federal. Quando ele foi presidente da Câmara Municipal de São Paulo, eu estive lá, comissionado por alguns meses na Assessoria Policial do órgão.

Na crônica esportiva, nunca escondeu seu amor pelo Palmeiras, mas, como jornalista, sabe tratar a notícia com independência e isenção. Talvez por isso é que Nelo fez um livro, que considero o mais completo sobre o Palmeiras.

Não é um oba-oba de torcedor, como poderia ser. *Palmeiras, Minha Vida É Você* alia o rigor da informação à emoção do futebol.

Nelo trata o Palmeiras com a grandeza que merece, mas não deixa de relatar, década por década, os fatos marcantes da história centenária do clube, inclusive os mais tristes, como os dias de agonia da Segunda Guerra Mundial, quando quase deixou de existir e foi obrigado a trocar de nome.

E olha que eu “nunca gostei do Palmeiras” pelo que o “Periquito” fez com o meu Santos em 1959, 1963 e 1966.

Lendo o livro, sente-se o clima daqueles dias sombrios, com as reuniões em que dirigentes procuravam uma alternativa. A volta por cima veio no primeiro jogo com o brasileiríssimo nome Socie-

dade Esportiva Palmeiras, com uma vitória incontestável sobre o São Paulo Futebol Clube, num jogo em que os jogadores do Palmeiras, com Oberdan Catani à frente, entraram em campo segurando a Bandeira do Brasil.

Nelo Rodolfo narra como se formou o time de 1950, que, em um ano, conquistou as cinco coroas, inclusive o título de campeão mundial, a arrasadora máquina de 60 e 70, os anos de chumbo da década de 1980, em que o Palmeiras não ganhou nada, e a recuperação nos anos 1990, na era Parmalat.

Novo século, nova arena, sonhos renovados, porque o futebol se alimenta de sonhos e emoção.

*Palmeiras, Minha Vida É Você* é um livro escrito por um palmeirense, mas que merece ser lido por todos os que amam o futebol.

Milton Neves



**APRESENTAÇÃO**

**DOZE DE DEZEMBRO DE 1965.** Eu tinha seis anos de idade, mas lembro desse dia como se fosse hoje. O Santos de Pelé tinha conquistado o bicampeonato estadual por antecipação, mas, mesmo assim, foi a campo com o time completo, com o Rei inclusive. Força máxima para devolver uma goleada histórica, aplicada, naquele mesmo ano, pelo time do Parque Antártica: 7 a 1. Nessa goleada de padrão alemão, porém, o Palmeiras enfrentou o misto do Santos. Os titulares, Pelé inclusive, tinham viajado para Buenos Aires para enfrentar o Boca Juniors pela Libertadores. Aquele 12 de dezembro era o dia do Santos recolocar as coisas no lugar. Afinal, o time era quase perfeito.

Eu sabia muito sobre o Santos porque meu pai era santista, apesar do sobrenome Giongo, italiano de Veneto. Naquele tempo, porém, o Santos era multinacional e o doutor Nelão queria me mostrar uma das sete maravilhas do mundo futebolístico. O Palmeiras, hoje eu sei, não era pouca coisa, não. Naquele mesmo ano, tinha alcançado um feito único: a CBD escolheu o Palmeiras para ser a Seleção Brasileira na estreia do Mineirão, lá em Belo Horizonte. Foi a única vez que o Brasil teve um técnico estrangeiro: o argentino Filpo Nuñez, treinador do Palmeiras, comandou a Seleção Brasileira e fez bonito: o Palmeiras, ou melhor, o Brasil palmeirense ganhou do Uruguai.

De volta ao dia 12 de dezembro. Era a primeira vez que eu entrava num estádio de futebol. Pelo que me lembro, os torcedores misturavam-se e não havia briga. Tinha palavrão, mas não vi ninguém trocar sopapos. O jogo começou e Pelé parecia atrair olhares como um ímã. Quem, no entanto, jogou muito foi um atleta que eu nunca tinha ouvido falar: Rinaldo, do Palmeiras. Ele driblava, lançava, cabeceava, matava no peito. Pelé assistia. Logo começaram os gols: Dario, Dudu e Servílio marcaram no primeiro tempo.

No segundo tempo, Dario e Servílio voltaram a marcar: 5 a 0, com um estádio cheio. Até os torcedores do Santos aplaudiram os jogadores do Palmeiras. Foi bonito. Inesquecível. No caminho de volta para casa, meu pai perguntou:

— Então, o que achou?

Não pensei duas vezes:

— Gostei do verde.

A sinceridade de uma criança não surpreendeu meu pai. Foi assim que me descobri palmeirense. Sim, me descobri palmeirense, porque o time do coração a gente não escolhe. Nasce com ele. Des-

de aquele dia 12 de dezembro, foram muitos jogos, muitas alegrias, muitas comemorações, muitas lágrimas... Voltei ao estádio na companhia do meu pai muitas outras vezes; ele sempre compreendendo meu coração palmeirense. Quando comecei a revirar o passado para escrever este livro, com a inestimável colaboração de dois dos maiores historiadores do Palmeiras, o Luciano Pasqualini e José Roberto Christianini, o Jota, voltei àquele primeiro jogo, passando pelas emoções da Libertadores, o campeonato paulista de 1993, o troféu de 1974, o Brasileiro invicto de 1972... Tanta alegria...

Em 2014, tive a honra de participar da reinauguração do Lausanne Paulista, clube da minha querida Zona Norte, e revi os craques palmeirenses do passado, em um jogo de exibição. Estavam lá Leivinha, Edu, César e o Dudu. Abracei todos com muita alegria. Quando me aproximei do Dudu e ele me estendeu a mão para um cumprimento, imediatamente veio à memória aquele dia 12 de dezembro de 1965. Apertei sua mão e o abracei. Queria falar sobre a alegria de ter visto a Academia, da qual ele foi um dos regentes, mas, na hora, disse apenas: obrigado. É o mesmo agradecimento que faço a todos os atletas que honraram esta camisa nestes 100 anos de história.

Agradecimento que se estende a todos os que trabalharam para glória do Palmeiras em campo, a começar pelos jovens, que, naquele distante 26 de agosto de 1914, reuniram dezenas de pessoas em torno de um ideal: o futebol como fator de integração social. Este objetivo foi alcançado, mas o Palmeiras, para mim, se tornou muito mais do que isso. O que dizer? Que palavras usar? O que me vem à mente é uma frase que cantei muitas vezes no estádio e que se tornou um resumo de tudo o que você encontrará neste livro: *Palmeiras, Minha Vida É Você*.

**Nelo Rodolfo**



## *Titan explodiu na rampa e Gemini-VI não subiu*

Um Titã na estrada elétrica que aterrissou se operou de maneira normal, por alguns segundos, após o lançamento de seu estágio principal. Foi que se tornou um pesadelo para os técnicos e sua nave não foi lançada. O primeiro estágio do Titã-2 agitou os dispositivos de segurança impedindo que o foguete deixasse o chão. Embora a Buffalo já seja pronta para tentar de novo. Página 18



CR\$ 50

EDIÇÃO DE ESPORTES

# O ESTADO DE S. PAULO

Ano 2 13 de dezembro de 1965 Número 66

# PALMEIRAS ESMAGA SANTOS

Placar do meu primeiro jogo:  
"dia em que descobri que meu  
coração era palmeirense"

Manchete do jornal: Santos  
tinha Pelé, mas Palmeiras era  
uma academia

*Crédito: Arquivo pessoal  
de José Ezequiel*



**1914 PALESTRA,  
FUNDAÇÃO E AMBIÇÃO**

# A INSPIRAÇÃO

**EM 1913, O FUTEBOL EM SÃO PAULO** era como o globo terrestre: as fronteiras não estavam muito delimitadas e alguns países tinham nascido pouco tempo antes, com a unificação de regiões que não tinham muita coisa em comum, exceto a vontade de serem reconhecidas. A Itália era um desses países, e o futebol em São Paulo era dividido entre a várzea e as ligas de futebol — o que se poderia chamar hoje de elite —, com a maioria dos clubes somando poucos anos de vida.

Duas ligas rivalizavam — Liga de Futebol Paulista (LPF) e a Associação Paulista de Sports Athleticos (APSA). Para mostrar força, a APSA contratou a vinda da Seleção da Federação de Portugal para amistosos com as equipes filiadas. Apenas os clubes filiados à APSA podiam participar dos amistosos, que despertaram grande atenção da imprensa. Na sequência, trouxeram o Corinthian Team da Inglaterra e, da mesma forma, apenas os seus filiados puderam participar dos jogos. A LPF ficou em grande desvantagem, mas tentou reagir, trazendo um combinado chileno.

Com estas ações, a APSA se fortaleceu e conseguiu seduzir o vice da LPF, o Ypiranga, além de incentivar a criação do São Bento, que trouxe a maior parte do elenco do Americano, campeão da LPF. Neste momento, a APSA contava com os ingleses do São Paulo Athletic Club, os norte-americanos do Mackenzie College, os quatrocentões do Paulistano e da A. A. das Palmeiras e até mesmo os escoceses do Scottish Wanderers.

A LPF, por outro lado, apesar de contar com Germânia e Internacional, buscou a popularização e atraiu clubes mais fracos, como o Campos Elyseos, Minas Gerais, Lusitano e até o Hydecroft, de Jundiá. A novidade ficou por conta do Corinthians, que despertava grande interesse na várzea paulistana.

No meio do ano de 1914, a estratégia de buscar adversários do exterior para jogar com seus filiados e, assim, tentar monopolizar as atenções da mídia e da sociedade paulista, continuou e a LPF resolveu investir tudo e realizar o sonho da grande massa de italianos da cidade: trazer, pela primeira vez, uma grande equipe italiana ao Brasil, para fazer amistosos com seus filiados.

A LPF acionou o Sr. Marcellino Marcello, ex-presidente do Espéria (então Societá Italiana di Cannottieri), que formalizou o convite ao Sr. Mario Nicola, italiano fundador e proprietário do Jornal

Marcellino Marcello: o Espéria na origem do Palestra

*Crédito: Arquivo histórico do Clube Espéria*



“Lo Sport Del Popolo”, que tinha um irmão, também ex-jogador, morando em Buenos Aires. Nicola, por sua vez, repassou o convite aos vários clubes italianos, que, mesmo lisonjeados, acabavam recusando, seja pela falta de datas ou, principalmente, pelos custos.

A viagem era longa e o sonho dos brasileiros, adiado, até que Vittorio Pozzo, conselheiro do Torino, acabou levando a proposta para a sua diretoria. Pozzo tinha uma irmã casada com um italiano, piemontês, que era diretor de uma fazenda de café no interior de São Paulo, a Fazenda Santa Veridiana, perto de Campinas. Pozzo insistiu na oferta e todos os diretores apresentaram problemas para a viagem e se recusaram a acompanhar, mas deram carta branca, caso ele — Vittorio Pozzo — quisesse organizá-la.

O Torino estaria livre do campeonato italiano a partir de junho e Vittorio aceitou o desafio.

## Torino x Pró-Vercelli

Com a notícia de que a LPF havia acertado com o Torino, a APSA sentiu o golpe, mas reagiu rapidamente. Impôs-se o desafio de trazer a melhor equipe da Itália, senão a própria seleção italiana. Para fazer frente às despesas, buscou um acordo com a Liga de Futebol do Rio de Janeiro, mandou um emissário para a Itália com uma proposta irrecusável e, dias depois, a APSA anunciava a vinda da poderosíssima Pró-Vercelli, que já havia vencido cinco títulos nacionais em seu país, até então.”

Tanto ela quanto o Torino seriam as primeiras equipes italianas a jogarem no continente americano e outra equipe só aportaria por aqui quinze anos depois, em 1929.

Logo após a contratação das equipes para a turnê pela América, a Europa vivenciou o atentado que matou o príncipe austro-húngaro e sua esposa (28/06/1914), estopim daquela que viria a ser a guerra mais sangrenta da história.

Enquanto a Europa vivia as preliminares da I Guerra, Vittorio Pozzo travava sua batalha para conseguir cumprir o compromisso de levar o Torino ao Brasil. Assim como os dirigentes, vários jogadores do elenco apresentaram seus motivos para não viajar, restando apenas onze atletas. Para reforçar o elenco, Pozzo conseguiu a adesão de outros cinco jogadores: Lovati, do Milan, Valobra, do Piemonte, Arioni III, da Juventus, Ernesto Peterly, da Inter, e Ângelo Tomaselli, do Novara.

Observação: A Pró-Vercelli voltaria a conquistar o scudetto em 1921 e 1922, tornando-se bicampeã italiana. Em 1935, entretanto, a equipe caiu para a 2ª divisão e tornou-se amadora, distanciando-se das grandes equipes. Atualmente, disputa a 2ª Divisão do Campeonato Italiano.

## A Chegada do Torino e da Pró-Vercelli

No dia 21 de julho de 1914, a Seleção Brasileira realizou o primeiro jogo de sua história. Na verdade, era um combinado de paulistas e cariocas, que enfrentou o Exeter City, equipe da Inglaterra. No dia seguinte, uma quarta-feira chuvosa, partiu, pouco depois do meio-dia, do porto de Gênova, o navio “Duca di Genova”, trazendo os jogadores do Torino. A viagem faria escala em Barcelona e seguiria direto para Santos. Dias antes, havia partido a equipe da Pró-Vercelli, com destino à cidade do Rio de Janeiro.

O Torino embarcou com 1 *portiere* (goleiro): Giuseppe Morando; 3 *terzini* (zagueiros): Carlo Capra, Enrico Bachmann e Enrico Arioni (III); 5 *mediani* (meias): Attilio Valobra, Ernesto Peterly, Cesare Lovati, Benito Mosso (II) e Domenico Giorda; 7 *attaccanti* (atacantes): Guido De Bernardi, Eugenio Mosso (III), Francesco Mosso, Carlo Tirone, Egidio Arioni (II), Angelo Tommaselli e Achille Arioni (IV).

O tratamento foi de primeira, registrado pelo próprio Pozzo:

Diciotto persone, viaggio in prima classe, andata e ritorno, su piroscafi italiani di linea, pagato dai signori americani, biglietto di ritorno già in nostre mani alla partenza, assicurazione e soggiorno spesato in tutto, vitto, bibite, viaggi, tram, automobili, lavatura e stiratura biancheria, barba e capelli imprevisi, tutto.

Embarcaram com o bilhete de volta garantido, tudo pago, comida, bebida, hospedagem e até barba e cabelo.

No dia seguinte ao embarque, a Áustria encaminhava ultimato à Servia e cinco dias depois, enquanto as duas equipes rumavam ao Brasil, em pleno Oceano Atlântico, a Áustria declarava guerra à Servia. Era o início da I Guerra Mundial.

Uma semana depois, a guerra por aqui era outra, travada entre a LPF e a APSA, disputando quem apresentaria primeiro o seu convidado italiano para o primeiro amistoso no Brasil.

A APSA foi mais esperta e fez a Pró-Vercelli desembarcar no Rio de Janeiro, levando-os direto do porto para a estação ferroviária, onde embarcaram para São Paulo no trem noturno, que estava com um vagão especialmente reservado para o transporte da delegação.

Dezoito pessoas, viajando na primeira classe de vapores italianos, com bilhetes de ida e volta já em nossas mãos na partida, pagos pelos senhores americanos, que garantiram também as despesas de seguros de vida, alimentos, bebidas, viagens, bonde, carros, serviço de lavanderia, cabelo e barba, enfim, tudo.

Torino no Parque  
Antártica: todos queriam  
ver os italianos jogarem

*Crédito: Arquivo pessoal  
de José Ezequiel*

Na manhã do dia 02 de agosto de 1914, um domingo, os jornais já amanheceram alardeando a chegada da “Squadra Representativa Italiana”. O Estadão publicou, na capa, uma foto da Pró-Vercelli, sob o título “A Squadra Italiana de Foot-Ball”, e a reportagem contava que, “em carro reservado, ligado ao nocturno de luxo, chegam hoje a São Paulo os players da squadra representativa italiana”.

Este título, por sinal, “Squadra Representativa”, foi insistentemente propagado pela APSA e pela imprensa, dando a interpretação de que se tratava da seleção italiana ou, ao menos, a base dela. Em função disto, a Pró-Vercelli chegou a ser punida no retorno à Italia por ter aceitado esta posição.

Em São Paulo, a delegação da Pró foi hospedada no Hotel D’Oeste, os atletas fizeram um pequeno passeio a pé e foram, logo a seguir, ao estádio para a primeira partida contra o fortíssimo Paulistano, em partida realizada no Velódromo.



O evento foi um sucesso absoluto, com pouco mais de dez mil pagantes (um recorde para a época), mas a Pró, cansada de toda a viagem, acabou sucumbindo e perdendo o jogo por 1 a 0.

Na segunda-feira seguinte, 03 de agosto de 1914, chegaram notícias de que Alemanha, França e Rússia haviam entrado na Guerra. Foi neste clima, cansado da viagem de navio e trem, do jogo no dia anterior e com as notícias de guerra na Europa, que um grupo atordoado de jogadores da Pró entrou em campo para o segundo amistoso. Veio a segunda derrota. Na terça, chegaram notícias da entrada da Inglaterra na Guerra.

Finalmente, na quarta-feira, dia 05 de agosto de 1914, o Torino chegou ao porto de Santos, recebido por uma grande delegação da colônia italiana e dirigentes da LPF. Já não havia mais pressa, pois a Pró já havia atuado duas vezes no Velódromo e, assim, o Torino foi levado para o Guarujá, onde os atletas pernoveram. O hotel era de frente para o mar. Somente no dia seguinte, embarcaram de trem para São Paulo, quase ao mesmo tempo em que a Pró entrava em campo para o terceiro amistoso, desta vez contra um combinado do Mackenzie e da A. A. das Palmeiras.

O domingo, 09 de agosto de 1914, foi especial para toda a colônia italiana da capital, pois as duas grandes equipes italianas jogaram ao mesmo tempo. A Pró foi ao Velódromo para o seu quarto amistoso, contra um combinado do São Bento e Ypiranga, que terminou empatado em 2 a 2, com dois gols de Friedenreich para os brasileiros. Ao mesmo tempo, no Parque Antártica, o Torino fez sua estreia e aplicou uma sonora goleada sobre o Internacional, por 6 a 0. Em meio aos torcedores, destaca-se Luigi Cervo, atleta do Internacional, mas que não atuava no quadro principal. Luigi e seus colegas saíram encantados com o futebol dos italianos.

Na quarta-feira, o Torino voltou ao Parque lotado e goleou novamente o adversário, uma seleção de estrangeiros da LPF, tendo o Germânia como base: 5 a 1 para a Torino. No dia seguinte, a Pró exibiu seu futebol no Velódromo, no seu quinto amistoso.

Torino e Pró-Vercelli mostraram a força do futebol italiano, mas, em São Paulo, os imigrantes italianos não tinham nenhum clube com o qual pudessem se identificar. Os imigrantes alemães tinham o Germânia, hoje Pinheiros; os descendentes das famílias mais antigas da cidade, os quatrocentões, o Paulistano; o Corinthians despontava na várzea; e o Santos já fazia fama na Baixada. A jornada do Torino e da Pró-Vercelli em São Paulo inspirou um grupo de jovens imigrantes.

# OS FUNDADORES



Luigi Cervo: um idealista

*Crédito: Arquivo pessoal  
de José Ezequiel*

## Luigi Cervo

### *O Fundador do Palestra*

O principal mentor e fundador do Palestra foi Luigi Cervo, italiano, nascido na Calábria, que chegou garoto ao Brasil. Ainda jovem, ficou fascinado com o novo esporte, o futebol, acompanhando jogos no Velódromo, e se inscreveu como jogador no S.C. Internacional, clube que abrigava jovens esportistas de várias origens, ao contrário dos demais, e que conquistou o Campeonato Paulista de 1907.

*“... foi entre 1905 e 1906 que eu pude satisfazer o meu sonho, inscrevendo-me no Sport Club Internacional ...” (Luigi Cervo)*

Em 1910, o pai de Luigi faleceu e ele começou a trabalhar, na Casa Matarazzo. Bastante ativo, após o expediente (*doppo lavoro*), frequentava a Sociedade Dramática e Recreativa Bella Estrella, clube social que recebia, em sua grande maioria, os trabalhadores da Matarazzo.

Quanto à inspiração para fundação do Palestra, nada melhor que ler as palavras do próprio Luigi, registradas, anos depois, por comemoração de aniversário do Palestra:

*Eu e meus colegas funcionários da Casa Matarazzo fazíamos parte da Sociedade Recreativa e Dramática Bela Estrela, onde reuníamos as nossas famílias para eventos litero-musicais e também para as danças, que, naquela época, eram consideradas como novo gênero de esporte. No entanto, as visitas à nossa*

capital das equipes de futebol do Pró-Vercelli e Torino F.C., que aqui realizaram onze partidas, repercutiram em todas as classes, provocando, como era natural, o sentimento patriótico da colônia, com momentos de empolgação e de entusiasmo transbordante.

... aquela visita firmou, em mim e nos meus companheiros da sociedade Bella Estrella, a ideia de fundar uma sociedade esportiva da colônia italiana. Nossos propósitos entusiasmaram numerosos moços, filhos de italianos, que já militavam nas equipes de futebol.

Mas, como lançar a iniciativa e concretizá-la, se nos faltava tudo, embora empolgados pelo nosso entusiasmo juvenil?

Uma noite, com poucos outros, apresentei-me à redação do Fanfulla, onde todos eram meus amigos. O Grande Oficial Angelo Poci acolheu-me com afeto paternal e declarou que aquele grande jornal, somente em duas ocasiões, tinha tratado de acontecimentos esportivos: quando da vinda da Pró-Vercelli e do Torino. Era necessário, portanto, arranjar um redator esportivo, difícil de obter-se naquela época.

O obstáculo foi logo superado, pois que nem a mim, nem ao Gr. Ofif. Poci, pareceu verdade a minha nomeação para o novo cargo...ad honorem.

[Trechos de Discurso de Luigi Cervo em 1939, por ocasião dos 25 anos do Palestra]



## Vincenzo Ragnognetti

### *O Provocador*

Vincenzo Ragnognetti:  
um literato

*Crédito: Arquivo pessoal  
de José Ezequiel*

Vincenzo nasceu em 04 de abril de 1896, em São Paulo, filho de imigrantes italianos. Ainda jovem, passou alguns anos estudando na Itália e, no retorno, concluiu seus estudos no Mackenzie College. Com boa formação, tinha vocação para as artes literárias, escrevia e falava muito bem. Juntava estes conhecimentos com outra característica marcante de sua personalidade: a provocação, a ironia. Forma que encontrou para questionar a sociedade, a cultura de sua época. Através da provocação, procurava gerar a ação, as mudanças. Ao longo de uma vida muito bem vivida, Ragnognetti tornou-se poeta, escritor de vários livros, foi amigo pessoal de Monteiro Lobato, dividindo o mesmo teto por algum tempo, jornalista, proprietário de jornal, enfim, uma personalidade complexa, instigante, irrequieta, mas que entra para a nossa história ainda moço, com 18 anos de idade. É o próprio Ragnognetti que, ao lembrar daquele momento, nos diz:

No ano de 1914, aqui vieram os Cesares do futebol internacional... o Torino, a Augusta Taurinorum... Mandeí uma cartinha ao Fanfulla, atacando — sempre tive e tenho a mania de atacar alguém — a colônia italiana de S. Paulo, então numerosa e barulhenta, pela sua negligência em não fundar um time de futebol.

Luigi Cervo, no aniversário de 25 anos do Palestra, comentou:

Dias depois, o Fanfulla recebia uma carta muito bem escrita, entusiástica e resolutiva, que trazia a assinatura de um ilustre desconhecido: Vincenzo Ragnognetti, que, mais tarde, devia tornar-se amado e estimado como poeta, como escritor, como jornalista, como técnico de questões esportivas e, sobretudo, como palestrino fervoroso, devotado, fidelíssimo.

## A Convocação

Foi assim que, no dia 14 de agosto de 1914, na edição de sexta-feira do Fanfulla, foi publicado o texto assinado por Vincenzo Ragnetti, com o título:

### PER LA FORMAZIONE DI UNA SQUADRA ITALIANA DI FOOT BALL IN S PAOLO”:

S.Paolo, 13-8-1914

Egregio sig. Direttore del <<Fanfulla>>

Egregio signore, uma parola e per questa um posticino del vostro giornale. Ecco di che si tratta: alcuni noti foot-balleurs italiani, ma associati a Clubs brasiliani mi hanno incaricato di scrivervi per un progetto da loro ideato, fra una tazza di café e l'altra, facendomi pure capire che di tale progetto intendono che il vostro giornale diventi propugnatore e propagandista.

— Noi abbiamo in S.Paolo — dicono i foot-ballers sul lodati — il club di foot-ball dei tedeschi, degli inglesi, dei portoghesi, degli internazionali e perfino dei cattolici e dei protestanti, però um club che sia composto solamente di <<sportmem>> italiani, benchè la nostra colônia sai qui grande, non existe e nemmeno si è tentato ancora di fare! Foot-ballers italiani che giuocano bene in S.Paolo si trovano; perchè di comune accordo non riuniamo detti signori e così come abbiamo associazioni del remo, filodrammatiche, sociali, patriottiche, ecc ecc potreme pure avere um club di foot-ball italiano?

Fin qui la proposta dei foot-ballers italiani, a voi, signor direttore, il commento.

Senz'altro tenetemi per vostro,

**Vincenzo Ragnetti**

No dia seguinte, 15 de agosto de 1914, um sábado, os italianos comparecem ao Parque Antártica para assistirem ao Torino golear o Corinthians por 3 a 0 e, na terça, em uma nova grande exibição, desta vez goleando a Seleção da LPF por 7 a 1. Enquanto isso, a Pró-Vercelli já havia retornado para o Rio de Janeiro, onde realizou mais quatro amistosos antes de retornar para a Itália.

S.Paolo, 13-8-1914

Prezado senhor diretor do <<Fanfulla>>

Prezado senhor, uma palavra e, por esta, um pequeno espaço no vosso jornal. Eis do que se trata: alguns italianos jogadores de futebol, mas associados a clubes brasileiros, encarregaram-me de escrever sobre um projeto elaborado por eles, entre uma taça e outra de café, entendendo que o seu jornal poderia ser o defensor e propagandista de tal projeto.

— Nós temos em S. Paulo — dizem os jogadores com elogio — o clube de futebol dos alemães, dos ingleses, dos portugueses, dos internacionais e até mesmo dos católicos e dos protestantes, mas um clube que seja composto somente de “esportistas” italianos, embora a nossa colônia seja muito grande, não existe e nem mesmo se foi tentado fazer! Jogadores de futebol italianos, que jogam bem, temos em S. Paulo; por que, de comum acordo, não reunimos estes senhores e, assim como temos associações de remo, filodramáticas, sociais, patrióticas, etc etc, montamos um clube de futebol italiano?

Fica a proposta dos jogadores italianos e a você, senhor diretor, os comentários.

Vincenzo Ragnetti

## A Primeira Reunião

É neste clima de euforia que Luigi Cervo continuou a execução de seu plano e, com a adesão de colegas esportistas e outros colegas da Matarazzo, bancou um anúncio do próprio bolso, novamente no Fanfulla, convocando todos para a reunião de fundação do novo clube, que inclusive já tinha nome, proposto pelo próprio Luigi: *PALESTRA ITALIA*.

### PALESTRA ITALIA

Informamos a todos os conacionais que, com o objetivo de fundar uma Sociedade que se chamará Palestra Italia, foi organizada uma Direção provisória. A Sociedade terá uma seção filodramática e dançante e uma seção esportiva, esta com o objetivo de organizar um time puramente italiano para a prática do futebol.

Todos os que desejarem aderir à iniciativa, que até agora conta com estudantes e empregados do comércio, estão convidados a participar da reunião, que ocorrerá hoje às 20 horas, no Salão Alhambra, na rua Marechal Deodoro nº 2, com o objetivo de completar a Direção provisória e a organização da Sociedade.

Fanfulla de 19/08/1914, página 5, Seção “Gli Sports”

### PALESTRA ITALIA

Si comunica a tutti i connazionali che allo scopo di fondare una Società che si chiamerà Palestra Italia, é stata organizzato una Direzione provvisoria. La Società avrà anche una sezione filodrammatica e danzante, e una sezione sportiva, questa, com lo scopo di organizzare un “time” puramente italiano per la pratica del “foot-ball”.

Tutti coloro che desiderano aderire all’iniziativa, e fino ad ora sono studenti e impiegati di commercio, sono invitati a partecipare alla riunione che avrà luogo questa sera alle ore 20 nel salone Alhambra, in rua Marechal Deodoro n. 2 allo scopo di completar ela Direzione provvisoria e l’organizzazione della Società.



**Palestra** — Palavra de origem grega, que nasceu como referência aos espaços onde um mestre ensinava alguma prática a seus alunos. Embrião das primeiras escolas, as palastras eram utilizadas para o ensino de lutas, estudos gerais e até para a discussão e debate filosófico. As gymnasias eram grandes complexos públicos, que incluíam a própria palestra, os campos de exercícios e o estádio, que era o local de corridas a pé. Em Atenas, houve três gymnasias: a Academia fundada por Platão, o Lyceum fundado por Aristóteles e a Cynosarges. Com o passar do tempo, as palestras foram ficando marcadas pelo lado mais popular, que seriam as escolas de luta. Quando os romanos importaram o conceito, houve a generalização e até a distorção dos termos, onde gymnasia e stadium se confundiram e onde gymnasia e palaestra, também. No início do século XX, na Itália, palestra era o termo usado para o local onde se ensinavam e se praticavam atividades atléticas e esportivas, motivando a escolha do termo pelos italianos. Ainda hoje, diferente da interpretação brasileira, palestra é palavra usada, no mundo inteiro, para designar local de exercícios físicos ou escola de lutas.

**Salão Alhambra** — A rua Marechal Deodoro era a primitiva rua de São Gonçalo, que, em 1846, teve sua denominação mudada para rua do Imperador, em homenagem à primeira visita da família real à Província de São Paulo, em 26/01/1846. Com o fim da monarquia e a proclamação da república, em 15/11/1889, a Câmara alterou o nome para rua Marechal Deodoro. Em 1926, ela desapareceu. Seu lado ímpar foi demolido para o alargamento da Praça da Sé, enquanto que o seu lado par tornou-se o lado par da praça.

Era para ser a reunião de fundação e compareceram mais de 40 pessoas. Logo na abertura, surgiu um novo personagem, Ezequiel Simoni, convocado para presidir a Assembleia.

